

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT13.012

TRAJETÓRIAS E MEMÓRIAS DE PROFESSORAS DO CAMPUS IV-UFPB: CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

Graciana Ferreira Dias¹Ana Carolina Silva de Souza²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo geral analisar as trajetórias de professoras do curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal da Paraíba - UFPB/Campus IV, a partir de suas narrativas, e revelar suas principais contribuições na formação de professores. A pesquisa possui abordagem qualitativa e com relação aos procedimentos técnicos de investigação é classificada como narrativa. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com quatro professoras da área da Educação Matemática, que atuam no curso de Licenciatura em Matemática do Campus IV da UFPB. A pesquisa abordou conceitos históricos sobre a educação das mulheres, sua inserção no âmbito acadêmico, conquistas, transformações, lutas e contribuições. Observou-se, a partir dos estudos teóricos, que o trabalho de mulheres na Matemática frequentemente foi subestimado ou atribuído a colegas homens. Muitas vezes, suas contribuições foram ignoradas ou minimizadas, contribuindo para uma falta de visibilidade e reconhecimento. Apesar das muitas dificuldades enfrentadas, concluiu-se que as quatro professoras têm um papel importante

1 Doutora em Educação pela UFRN. Professora do Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal da Paraíba- UFPB, graciana@dcx.ufpb.br;

2 Graduada pelo Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal da Paraíba- UFPB, anacarolina1001@outlook.com;

na formação de professores dentro e fora da região atendida pelo Campus IV da UFPB, dentre as contribuições incluem-se criações de projetos, laboratórios, grupos de pesquisa, formação continuada e extensão. Diante destas contribuições, sugere-se que sobrevenham novas pesquisas relacionadas a essa temática, pois sabemos da importância de destacar a história das mulheres e de professoras, além de suas contribuições para a área de Educação Matemática.

Palavras-chave: Trajetórias de Professoras. Histórias de Mulheres. Educação Matemática. Formação de professores.

INTRODUÇÃO

A Matemática é uma ciência conhecida por sua complexidade e racionalidade. Esse é um fator que, por muitos anos, perante a sociedade, consagrou apenas aos homens o poder de compreendê-la. “Embora ambos tenham a mesma sede de conhecimento, as mulheres nem sempre tiveram as mesmas oportunidades para explorar as respostas” (Ignotofsky, 2017, p.6). Desse modo, a relação da Matemática com as mulheres é marcada por uma trajetória de exclusão, pois supostamente, tinham o conhecimento limitado.

Quando falamos sobre a História da Matemática, seu surgimento e evolução, automaticamente, muitos nomes masculinos aparecem na linha de frente como destaque. No entanto, ao mencionar no âmbito escolar, nomes de mulheres que compuseram partes significantes da construção histórica dessa ciência, percebe-se que seus nomes não são tão conhecidos e admirados como os de muitos matemáticos homens.

É possível explicar esse fator, pois

no passado, as restrições ao acesso das mulheres à educação não eram incomuns. As mulheres, frequentemente, não tinham permissão para publicar artigos científicos. Esperava-se que elas fossem criadas apenas para ser boas esposas e mães, enquanto os maridos as sustentavam. Muitas pessoas achavam que as mulheres simplesmente não eram tão inteligentes quanto os homens (Ignotofsky, 2017, p.7).

Devido a essas concepções a mulher se manteve à margem dos conhecimentos científicos durante décadas, o que gerou o mito de que ela não teria capacidade suficiente para adentrar na área das ciências, como a Matemática, e alimentando o preconceito, que certas vezes deixa a mulher acreditar na possibilidade de este ser um campo direcionado ao homem.

Desse modo, o presente trabalho traz uma reflexão sobre a exclusão e dificuldades das mulheres no decorrer da história, fazendo alusão e trazendo como exemplos, as histórias de vida de professoras universitárias, e suas contribuições para formação profissional em Licenciatura em Matemática.

Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo analisar as trajetórias de quatro professoras da área da Educação Matemática, que atuam no curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal da Paraíba - UFPB/Campus IV, a partir de suas narrativas, e revelar suas principais contribuições na formação de professores.

Nossa hipótese é de que cada professora interlocutora dessa pesquisa colabora de modo diversificado para a formação docente, pois, mesmo que apresentem trajetórias singulares e perspectiva individual, ainda assim, conseguem contemplar, simultaneamente, inúmeros aspectos dessa formação. Corroborar-se, assim, com a ideia de que embora cada história de vida apresente uma perspectiva individual, ela contempla múltiplas dimensões, englobando aspectos mais amplos da sociedade em que o sujeito está inserido, sendo marcada por valores sociais e culturais, bem como seu contexto histórico e econômico (Rocha; Reis, 2020, apud Bueno; Duek, 2021).

METODOLOGIA

Nossa pesquisa, segundo Gil (2002), tem uma abordagem qualitativa e com relação aos procedimentos técnicos de investigação, pode ser classificada como narrativa. De acordo com Clandinin e Connelly (2011, p.51), a “pesquisa narrativa é uma forma de compreender a experiência” em um processo de colaboração entre pesquisador e pesquisado. Segundo os autores, o pesquisador tem a função de interpretar a narrativa textual ou oral e, partindo desse processo, criar um texto.

A coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas por meio de videochamadas. Após a transcrição, as professoras assinaram um termo de consentimento e autorizaram a divulgação dos seus nomes e dos dados das entrevistas.

O recorte metodológico feito nessa pesquisa nos permitiu conhecer e analisar as histórias de quatro professoras do Campus IV da UFPB, que atuam na área de Educação Matemática, a saber, Cristiane Fernandes de

Souza, Jussara Patrícia Andrade Alves Paiva, Cibelle de Fátima Castro Assis e Graciana Ferreira Dias. Ressaltamos, no entanto, que existem outras professoras na instituição que colaboram para a Educação Matemática, porém, o recorte dessa pesquisa foi baseado na área que essas docentes atuam. Além disso, existe o trabalho de Lopes (2022), que analisam a trajetória de outras quatro professoras que são da área de Matemática, trazendo um recorte de gênero e contribuições dessas professoras para o Campus IV da UFPB.

A HISTÓRIA DAS MULHERES NA MATEMÁTICA: OBSTÁCULOS, DESAFIOS E ACEITAÇÃO

Por muitos anos as mulheres lutaram para assegurar os seus direitos como cidadãs em um mundo no qual a figura masculina é majoritária em várias áreas, e algumas destas lutas continuam até hoje. No campo científico não é diferente. Um dos grandes obstáculos enfrentados pelas mulheres era o acesso à educação. Cavalari (2007) retrata que apenas as mulheres de famílias economicamente estruturadas tinham acesso à educação básica até o final do século XX, que permeou um cenário alvo de uma história com árduas lutas, inúmeros conflitos e da busca pela igualdade de direitos e equidade de gênero.

Em meados do século XX, através do movimento feminista³, as mulheres conseguiram obter inúmeras conquistas no campo social e político, como, por exemplo, direito à educação ao nível superior. A partir desse marco, as mulheres passaram a ser aceitas em universidades, mas a presença feminina era quase nula, visto que a sociedade via com maus olhos a mulher que tivesse estudo formal.

3 O movimento feminista começou a partir do século XIX e atualmente virou um movimento social, político e filosófico, que tem como finalidade propor direitos iguais entre as mulheres através do empoderamento feminino, sem a existência de padrões patriarcais ou impostos pela sociedade (Mendonça, 2014).

A problemática de gênero é tão determinante na produção do conhecimento científico que estabelece lugares valorados hierarquicamente para as Ciências Naturais e Exatas e para as Ciências Humanas e Sociais. As primeiras, denominadas de “duras”, são as consideradas objetivas e, portanto, mais próximas da “verdade” e da confiabilidade no uso do seu método universal, por isso são reconhecidas como superiores e são estas as ciências que os homens “naturalmente” ocupam. As segundas, denominadas de “moles”, tratam dos feitos humanos desde a complexidade inerente ao indivíduo àquela da dinâmica social e são mais “adequadas” às mulheres, ficando na segunda categoria (Silva, 2008, p. 135).

Logo, podemos destacar que as mulheres passaram por grandes adversidades e foram nomeadas como incapazes apenas pelo fato de serem mulheres. Desde os primórdios da humanidade foram classificadas como desqualificadas para exercer áreas que não são denominadas como “femininas” pelo fato, de que “não eram consideradas indivíduos dotados de razão, mas de emoção, as mulheres possuíam o contraponto da razão – o coração” (Silva, 2008, p.135). Melo (2014), explica que a distinção dessas áreas é denominada desde cedo, pois,

quanto às áreas de ensino, se observa que desde cedo características ditas como naturais de homens e mulheres são utilizadas como justificativa para a afeição dos sexos por determinadas matérias. Por exemplo, a racionalidade masculina o predispõe a matéria da área de exatas como matemática, já a sensibilidade feminina a conduz para áreas como letras e estudos sociais (Melo, 2014, p. 64).

No Brasil, a ciência começou a dar início as suas instituições a partir de 1940, com alguns institutos que ficaram conhecidos internacionalmente. No entanto, pouquíssimas mulheres puderam participar da criação dos institutos no país. Atualmente, poucas fazem parte dos membros titulares, como o Instituto de Matemática Pura e Aplicada (IMPA) (Nunes, 2021).

O processo de inserção das mulheres na ciência requer mudanças estruturais e culturais, como diz Schiebinger (2001, p.37), “a ciência moderna é um produto de centenas de anos de exclusão das mulheres, o processo de trazer mulheres para a ciência exigiu, e vai continuar a

exigir, profundas mudanças estruturais na cultura, métodos e conteúdo a ciência”.

É perceptível que a história das mulheres na Matemática é marcada por muitas dificuldades, mas, mesmo diante de todas as dificuldades elas conseguiram quebrar algumas barreiras e seguir firme no propósito. Suas contribuições foram de suma importância para História da Matemática que serviram de inspirações para tantas outras mulheres que buscaram e buscam suas carreiras no campo da Matemática e da Educação Matemática.

TRAJETÓRIAS E MEMÓRIAS DE PROFESSORAS DE MATEMÁTICA: CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

Neste item apresentamos a trajetória e contribuições de quatro professoras da Educação Matemática da UFPB, especificamente do Campus IV. O Campus IV está localizado nos municípios de Mamanguape e Rio Tinto, na microrregião do litoral norte da Paraíba. Na cidade de Rio Tinto-PB está sediado o curso de Licenciatura em Matemática.

Nos propomos, além de destacar essas trajetórias, enfatizar as lutas e os caminhos trilhados por essas mulheres ao decorrer de suas carreiras, reforçando a importância de suas transformações e superações que colaboram para mudanças na Educação e Educação Matemática. Segundo Rago (2006, p. 116) “importa, muito mais, confirmar o que, aos poucos, torna-se consenso na sociedade, a saber: que as mulheres aí estão transformando e inovando muito positivamente”.

CRISTIANE FERNANDES DE SOUZA

A professora Cristiane Fernandes de Souza, nascida em 1975 em Recife-PE, formou-se em Licenciatura em Matemática pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Atualmente, é docente na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Campus IV, em Rio Tinto.

A professora Cristiane integrou a primeira turma noturna de Licenciatura em Matemática na UFPE, na qual a presença feminina era reduzida; durante toda a graduação, teve apenas uma professora mulher como docente. Essa experiência marcou sua trajetória e influenciou sua percepção sobre o papel das mulheres na academia.

Nós tínhamos professores que na sua maioria eram homens, principalmente, não tínhamos professoras mulheres, tivemos uma que na época era doutoranda e bolsista (...), foi nossa professora dois semestres, mas já bem no final do curso na disciplina de Álgebra abstrata (Professora Cristiane Souza).⁴

Pode-se inferir que a questão de gênero se manifesta claramente nesse contexto, pois, embora haja um aumento da presença feminina nas áreas exatas, a inclusão ainda é lenta. Apesar de, nas últimas décadas, os cursos superiores apresentarem um maior número de mulheres em suas turmas nas áreas tradicionalmente consideradas masculinas, essa mudança não se reflete de forma equivalente no corpo docente, especialmente em cargos mais elevados da carreira (Silva, 2022).

A professora Cristiane concluiu sua graduação em 1998 e colou grau em março de 1999. No final de 2000, ingressou no Mestrado na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), em Natal. Após concluir o Mestrado, já estava engajada no Doutorado. Em 2008, a professora Cristiane passou no concurso da UFPB, tornando-se a primeira doutora a ingressar no Campus IV da UFPB na área de Educação Matemática.

Em outubro do mesmo ano, assumiu a coordenação do curso, e no ano seguinte, começou um projeto de Prolicen⁵.

4 Entrevista de pesquisa concedida em 25 de outubro de 2022.

5 O Programa de Licenciatura - PROLICEN é um programa de apoio para Cursos de Licenciatura da UFPB. O Programa é coordenado pela Pró-Reitoria de Graduação desde 1994, através do GT de Licenciatura e envolve a participação professores e alunos da UFPB, além de professores do ensino básico que desenvolvem atividades conjuntas de ensino, pesquisa e extensão nos Cursos de Licenciatura e nas Escolas Públicas. O PROLICEN tem o objetivo de melhorar a formação inicial nos Cursos de Licenciatura, bem como a formação continuada nas escolas públicas do Estado da Paraíba. Fonte: <https://www.prg.ufpb.br/prg/programas/prolicen>

Embora muitas pessoas considerem suas conquistas rápidas e fáceis, a professora Cristiane destaca que essa trajetória exigiu muito esforço e determinação.

quem olha assim pensa que foi tudo tão rápido, tão fácil, mas não foi mesmo. Eu meio que tinha que estar me autoafirmando o tempo todo por ser mulher principalmente, talvez essa questão do ser mulher dentro da Matemática, por ser mulher doutora na área de Educação Matemática (Professora Cristiane Souza).

A fala da professora Cristiane confirma que o preconceito enfrentado pelas mulheres é um fenômeno historicamente comprovado. Ela ressalta que, frequentemente, é necessário provar a competência na profissão escolhida, afirmando: “parece que a gente tem a obrigação de provar que é tão capaz quanto os outros”.

Apesar de ter enfrentado grandes adversidades, seu foco nos objetivos sempre foi um forte combustível para seguir em frente. Com mais de 20 anos de carreira, a professora Cristiane tem contribuído significativamente para a formação de muitos profissionais, além de realizar uma contribuição diária e essencial dentro da sala de aula.

Dentre suas colaborações, destacam-se a participação em eventos internos do Campus IV, como a Semana da Matemática e o Sábado Pedagógico. Outras contribuições notáveis incluem as orientações nos estágios e nos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) de seus alunos, nos quais acrescenta suas concepções ao trabalho dos orientandos, guiando-os na busca de soluções para as problemáticas que surgem durante o desenvolvimento de suas pesquisas e na regência de estágio.

Um projeto de grande relevância, sob a coordenação da professora Cristiane, é o Programa de Residência Pedagógica⁶, que também contribui para a formação docente. Portanto, podemos concluir que seu engajamento profissional nas áreas de ensino, pesquisa e extensão enri-

6 O Programa de Residência Pedagógica finalizou no ano de 2024, porém na data da entrevista o projeto ainda estava em execução.

quece a formação dos licenciandos e promove a transformação da prática docente.

JUSSARA PATRÍCIA ANDRADE ALVES PAIVA

A professora Jussara Patrícia, nasceu em 1973 em João Pessoa, e iniciou sua carreira docente aos 25 anos. Formou-se na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) – Campus I, onde realizou duas graduações. Primeiramente, concluiu a Licenciatura em Ciências em 1995, que a habilitava a lecionar Química, Física, Ciências e Matemática até o 9º ano do Ensino Fundamental. Em seguida, fez a habilitação em Matemática, ampliando sua capacidade de ensino para cobrir toda a educação básica.

Durante a habilitação em Matemática, a professora Jussara conheceu a professora Rogéria Gaudêncio⁷, tornando-se sua bolsista no LEPAC - Laboratório de Estudos e Pesquisa da Aprendizagem Científica. Foi nesse ambiente, ainda na formação inicial, que começou a desenvolver um contato mais aprofundado com a prática docente. Paralelamente aos estudos, ela já lecionava, e essa combinação de vivência no laboratório com a experiência em sala de aula confirmou sua inclinação para o ensino.

Ao longo de sua trajetória, a professora Jussara enfrentou dois desafios marcantes. O primeiro estava relacionado à aprendizagem, pois lacunas deixadas durante sua educação básica repercutiram na graduação. O segundo desafio foi o preconceito, que se manifestou tanto durante sua formação quanto em sua vida profissional. Contudo, essas dificuldades não a impediram de seguir adiante e consolidar sua carreira na Educação Matemática.

Senti preconceito por ser mulher na graduação? Sim, em alguns momentos com alguns professores. Tivemos professores que falavam coisas nesse sentido: vocês só querem saber de firula, de se enfeitar. É como se a gente não pudesse se arrumar para estar ali, naquele grupo. Era na perspectiva de

7 Sobre a trajetória acadêmica da Professora Rogéria, sugerimos a leitura do trabalho de Silveira (2022).

vocês não têm notas tão boas quanto os meninos porque vocês só querem saber de passar batom. É como se a gente não pudesse ser arrumada (Professora Jussara Paiva).⁸

A professora Jussara concluiu a habilitação em Matemática em 1998, mas já estava envolvida com a docência desde os tempos de graduação. Em 1999, começou a lecionar na Universidade do Vale do Acaraú (UVA), conciliando essa atividade com aulas em cursinhos pré-vestibulares e na educação básica, na qual permaneceu por 12 anos.

Em 2001, a professora Jussara iniciou o Mestrado em Educação na UFPB, sob a orientação da professora Rogéria Gaudêncio. Sua linha de pesquisa foi em educação popular, e durante o curso, ela conheceu a Etnomatemática, o que a inspirou a aplicar esses conhecimentos em suas aulas. Isso foi particularmente relevante em escolas onde lecionava para filhos de caminhoneiros, muitos dos quais consertavam ou pintavam carrocerias de caminhões. “Quero levar o que vejo na universidade para a minha sala de aula”, afirmou a professora Jussara.

Em 2005, ela teve seu primeiro filho, e em 2007, sua filha. No ano seguinte, passou no concurso para o Campus IV da UFPB. Em 2016, ingressou no Doutorado na UFRN, com uma linha de pesquisa focada em resolução de problemas, concluindo o curso em 2019 e retornando às suas atividades no Campus IV.

Dentre os projetos que a professora Jussara desenvolveu, destacam-se os do Prolicen, voltados para a formação de professores. No primeiro, trabalhou com docentes dos anos finais do ensino fundamental do município de Rio Tinto-PB. Outro projeto, em parceria com uma colega do Campus IV, abordou a elaboração de materiais didáticos para professores do 1º ao 9º ano, com foco no uso de recursos concretos para a prática docente. Um terceiro projeto de Prolicen consistiu em exposições itinerantes, levando o Laboratório de Ensino de Matemática para escolas de municípios com menor acesso, como Araçagi, Marcação e Mataraca, municípios do Estado da Paraíba.

⁸ Entrevista de pesquisa concedida em 24 de outubro de 2022.

O trabalho da professora Jussara tem grande impacto na formação de seus alunos, que aplicam os conhecimentos adquiridos em suas próprias turmas. Ela também atuou na Educação a Distância (EaD), na qual contribuiu como professora e na escrita de capítulos de livros para essa modalidade de ensino. Ao longo de sua carreira, já orientou mais de 17 trabalhos acadêmicos.

A professora Jussara continua sua contribuição diária em sala de aula, orienta alunos e coordena projetos de extensão e o Programa de Residência Pedagógica. Além disso, lidera, juntamente com a professora Graciana Dias, o grupo de pesquisa Potis.⁹

CIBELLE DE FÁTIMA CASTRO DE ASSIS

A professora Cibelle de Assis nasceu em 1979 em João Pessoa, é docente na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) – Campus IV. Filha de um professor universitário de Matemática, ela sempre teve a influência do pai por perto, mas nunca imaginou que seguiria a carreira docente. Iniciou sua trajetória acadêmica em Engenharia Civil, cursando até o sexto período, quando descobriu o desejo de lecionar. A partir daí, ingressou no curso de Bacharelado em Matemática, aproveitando algumas disciplinas já cursadas, e seguiu em frente. Na época de sua formatura, foi a única mulher de sua turma a concluir a graduação naquele ano. Logo depois, passou no processo seletivo para o Mestrado em Matemática, também na UFPB – Campus I.

Durante o Mestrado, a professora Cibelle atuou por dois anos como professora substituta nas disciplinas de Cálculo Vetorial e Geometria Analítica. Em seguida, começou a lecionar matemática em faculdades particulares e dava aulas de reforço para filhos de colegas de seus pais. Após concluir o Mestrado, decidiu fazer o Doutorado.

9 POTIS – É o grupo de Pesquisas Interculturais em Educação Matemática, cadastrado no cnpq. <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/772610>.

O Doutorado foi realizado na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em Recife. Inicialmente, cursou um semestre na área de Matemática, mas logo percebeu que não era o caminho que desejava seguir. “Quero ser professora, e na Matemática pura não teria a relação com o ensino que eu buscava. Então, desisti e fiz uma nova seleção para o Doutorado em Educação”, relata a professora Cibelle.¹⁰ Foi aprovada e concluiu o Doutorado em 2011.

No mesmo ano, a professora Cibelle foi aprovada no concurso para a área de Educação Matemática, ingressando no Campus IV da UFPB, em Rio Tinto. Em 2016, iniciou o pós-doutorado na UFPE, em parceria com a Escola Normal Superior de Lyon, na França, o que a afastou temporariamente das atividades na universidade entre 2016 e 2018.

Um dos desafios enfrentados pela professora foi o preconceito por ter migrado do Bacharelado para a Licenciatura e optado pela docência, mas isso não abalou sua determinação. Seus trabalhos voltados para a formação de professores começaram na Educação à Distância (EaD), escrevendo materiais didáticos para o ensino de Matemática e atuando como professora dos estágios supervisionados.

A professora Cibelle também participou como formadora em um projeto da prefeitura para a capacitação de professores, ao lado de outros profissionais, o que ampliou sua visão sobre o ensino e despertou um maior interesse em materiais didáticos mais apropriados. Entre os formadores, destacava-se a professora Rogéria Gaudêncio, referência na área de Educação, que se tornou um exemplo para a professora Cibelle e muitos outros profissionais.

Desde que ingressou no Campus IV, a professora Cibelle tem orientado alunos em projetos acadêmicos, contribuindo significativamente para a formação inicial de licenciandos, seja em sala de aula, na orientação de TCC ou na supervisão de estágios. Esse processo de orientação é

¹⁰ Entrevista de pesquisa concedida em 25 de outubro de 2022.

um momento de grande amadurecimento para os futuros professores, que se beneficiam de sua experiência e dedicação.

É a partir deles que a gente consegue observar cada aluno escrevendo, produzindo, lendo, tirando as dúvidas, esse acompanhamento é uma contribuição que fica marcada, pois, é o momento que o aluno aprende muito e nós percebemos o seu amadurecimento; de muita dificuldade também, mas de muito amadurecimento (Professora Cibelle Assis).

Entre os projetos propostos pela professora Cibelle, destaca-se o Projeto de Monitoria Integrada em Componentes Curriculares, no qual ela atuou como coordenadora por cerca de dois anos. O projeto foi especialmente importante para os alunos ingressantes nos cursos de Licenciatura em Matemática, muitos dos quais tiveram uma formação precária em Matemática durante a educação básica e precisavam de um ensino mais individualizado e contínuo. Para atender a essa demanda, algumas disciplinas passaram a oferecer monitoria, na qual os monitores eram alunos do curso que já haviam sido aprovados nessas disciplinas.

Posteriormente, a professora Cibelle coordenou projetos de extensão envolvendo os cursos de Licenciatura em Ciências da Computação e Licenciatura em Matemática, proporcionando aos alunos experiências valiosas que resultaram na produção de artigos e apresentações em eventos acadêmicos de outros estados.

Apesar das dificuldades, desafios e preconceitos que surgiram ao longo de sua trajetória, a professora Cibelle conseguiu superar essas barreiras e acumula mais de 20 anos de profissão. Sua atuação diária em sala de aula, a participação em projetos, pesquisa, extensão, orientação de alunos e eventos compõem uma trajetória marcada pela dedicação e pelo impacto positivo na formação de seus alunos e no desenvolvimento da Educação Matemática.

GRACIANA FERREIRA DIAS

A professora Graciana Ferreira Dias nasceu em 1984 e é natural de João Pessoa, PB. Atualmente, leciona na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), no Campus IV, em Rio Tinto. Sua formação inicial em Licenciatura em Matemática foi realizada na UFPB, Campus I, em João Pessoa.

Durante sua graduação, o modelo de curso utilizado fortaleceu algumas dificuldades, especialmente a falta de leitura de textos voltados para a Educação Matemática. A professora Graciana relata:

as experiências que me levaram à Educação Matemática foram no LEPAC, quando estava como voluntária dos projetos que a professora Rogéria Gaudêncio coordenava. Eu não tive vivências importantes em Educação Matemática em disciplinas; quero dizer, experiências que me levassem para a Educação Matemática (Professora Graciana Dias).¹¹

Assim que concluiu a graduação, a professora Graciana procurou processos seletivos para o Mestrado e, em 2007, iniciou seus estudos na UFRN, na linha de pesquisa em Educação Matemática. Durante o Mestrado, ela passou no concurso da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN) para o curso de Licenciatura em Matemática.

Após concluir o Mestrado, atuou por dois anos e meio no ensino superior, antes de seguir para o doutorado.

Em 2011 ingressou no Doutorado na UFRN, com um olhar mais maduro e um pensamento mais amplo. Sua tese foi desenvolvida no mesmo programa de pós-graduação em Educação, com ênfase em História da Matemática.

Com 18 anos de experiência em sala de aula, sendo dois na educação básica e 16 no ensino superior, a professora Graciana tem contribuído de diversas maneiras para a formação docente nos estados do Rio Grande do Norte e Paraíba, lecionando na UERN e na UFPB. Passou quatro anos na UERN, no campus central de Mossoró, onde começou a dar aulas de

¹¹ Entrevista de pesquisa concedida em 14 de outubro de 2022.

Matemática e Educação Matemática. Ela afirma que essa experiência foi “muito rica (...), porque eu era muito nova; então foi um salto gigantesco como pessoa e como professora.”

Dentre suas contribuições na UERN, podemos citar suas orientações de TCC, que, segundo ela, foram muito positivas: “as minhas orientações eu vejo como muito positivas porque foram as minhas primeiras e deram bons frutos. O meu primeiro orientando hoje é doutor, inclusive é professor da UERN.”

Em 2012, começou sua trajetória no Campus IV, em Rio Tinto. Na formação inicial, atuou com projetos de Prolicen, submetendo em diferentes anos dois projetos: História da Matemática e o LEM, e, em seguida, História da Matemática e Jogos. Ela também trabalhou com extensão, que é uma de suas paixões: “é uma grande paixão minha trabalhar com extensão; estou sequencialmente no terceiro ano de extensão no Campus IV.”

Dentre suas contribuições, a professora Graciana destaca o trabalho feito diariamente em sala de aula: “É aquele trabalho que a gente faz todo dia, que às vezes não vemos, mas é plantar, semear, regar e colher; é um trabalho longo, mas eu considero de extrema importância.”

A professora Graciana assume duas vertentes na formação de professores: além da formação inicial, ela executa projetos de extensão voltados para a formação continuada. Embora a formação inicial seja fundamental para a constituição do profissional, ela não é suficiente, pois o docente precisa estar em constante atualização.

Seus primeiros projetos de formação continuada tiveram início em 2014, com o PNAIC - Pacto Nacional pela Alfabetização da Idade Certa, do Ministério da Educação. Ela destaca: “é como se eu estivesse dando uma formação e recebendo uma formação ao mesmo tempo, e isso, para mim, foi um marco” (Professora Graciana Dias).

Além dos projetos de extensão, participa de grupos de pesquisa. Foi líder e vice-líder do Gepem- UFPB-Campus IV. Atualmente, está à frente do grupo Potis, juntamente com a professora Jussara Patrícia, que, embora esteja no início, já está rendendo bons frutos.

A professora Graciana conclui: “sou muito feliz tendo a extensão, a formação inicial e a formação continuada. Esse é o meu presente; é a minha contribuição até hoje, essas três frentes.”

ANÁLISES E DISCUSSÕES

Ao analisar as entrevistas conseguimos destacar as contribuições das professoras na formação docente, com suas respectivas atuações nos três segmentos do ensino superior – ensino, pesquisa e extensão. Esses pilares sustentam o ensino superior promovendo uma formação docente que vai além dos aspectos teóricos. O ensino fornece os conhecimentos essenciais, a pesquisa desenvolve a capacidade crítica e investigativa, e a extensão aplica o conhecimento em contextos reais, enriquecendo a formação prática do futuro professor.

Ao longo da história, as mulheres têm enfrentado uma série de desafios significativos na área da Educação Matemática, desafios que refletiram e muitas vezes exacerbaram as desigualdades de gênero prevalentes em suas épocas. A luta das mulheres por reconhecimento e igualdade no campo da matemática revela muito sobre as barreiras institucionais e sociais que tiveram que superar.

Na vertente sobre a história das mulheres na Matemática, podemos enxergar, através do recorte bibliográfico feito ao longo da pesquisa, que ao decorrer da história, as mulheres têm enfrentado uma série de desafios significativos na área da educação matemática, desafios que refletiram e muitas vezes aumentam as desigualdades de gênero prevalentes em suas épocas.

Esses obstáculos estão relacionados ao preconceito, fator que durante muito tempo colaborou para que mulheres não possuam autorias e não pudessem exercer seu papel como protagonista, mas como coadjuvante na sua própria história. Fator determinante que revela muito sobre as barreiras institucionais e sociais que tiveram que enfrentar.

A existência de mulheres no âmbito da Matemática era tão escassa que havia a necessidade de comprovação, como destacou a Professora Jussara:

No dia do vestibular, nós íamos para uma escola, recebíamos a prova para fazer e quando terminasse o horário divulgar o gabarito. Eu fui bem inocente, quando entro na escola, a menina, acredito que recepcionista, disse: não! É só para professores! E eu, como assim? Professora de matemática não entra? Ela: você é professora? Eu nunca tinha visto uma mulher sendo professora de matemática. Sim, eu sou! Ela pediu para comprovação. Sendo que não havia pedido comprovação de nenhum professor que estava comigo, a nenhum. (Professora Jussara Patrícia).

A Professora Jussara afirmou: “acho que o fato de ser nova, de ser mulher, de dar aula em cursinho, isso tudo foi desafio.” Sobre essa perspectiva, Lucía Piave Tosi (1998, p. 11) comenta que:

[...] as mulheres foram consideradas inaptas ao exercício dessa atividade pela sua falta de racionalidade, de objetividade e pela predisposição às emoções. Foram, contudo, aceitas, em certas ocasiões, na periferia dessas instituições, como auxiliares dos homens da Ciência ou como amadoras e permaneceram assim durante quase três séculos (Tosi, 1998).

Além do preconceito, a falta de reconhecimento também compõe um vasto leque de dificuldades enfrentadas. O trabalho das matemáticas mulheres frequentemente foi subestimado ou atribuído a colegas homens. Muitas vezes, suas contribuições foram ignoradas ou minimizadas, contribuindo para uma falta de visibilidade e reconhecimento.

Portanto, buscamos ressaltar a importância de expor as narrativas e contribuições dessas mulheres, professoras que contribuíram de modo significativo para o desenvolvimento da Educação Matemática no Campus IV e fora dele, na percepção de trazer mais representatividade, atraindo assim outras mulheres para o âmbito da Matemática e Educação Matemática.

Grandes feitos e contribuições no Campus IV estão atrelados aos nomes das nossas professoras interlocutoras. Dentre eles, criações de projetos, laboratórios, grupo de pesquisa, formação continuada e extensão.

Destacamos aqui a importância dos programas de formação nos quais colaboram de maneira significativa na formação acadêmica e do laboratório, tanto na formação docente quanto na educação básica, já que durante nossa pesquisa todas as interlocutoras apontaram experiências positivas com o uso do laboratório, além de servir como meio de investigação para os estudantes da educação básica (Silva, 2022).

A professora Cristiane foi uma das precursoras do projeto de implantação do Lepem¹² junto com as professoras Jussara Patrícia e Cristiane Ângelo.

Junto com elas duas, montamos o projeto do CNPq, que tem o Lepem, no qual tivemos um bolsista durante três anos. Com muito trabalho de nós três, muito envolvimento, muito compromisso, nós conseguimos constituir um lugar de respeito dentro do curso e firmar o Lepem (Professora Cristiane Souza).

O Lepem é mais que um local com jogos e materiais concretos, ele viabiliza a interação entre a instituição do ensino superior e a instituição de ensino básico, permitindo aos estudantes relacionarem teoria e prática, além de formular ideias (Silva, 2022). Como afirma Lopes e Araújo

O laboratório pode ser um local tanto de interação entre a universidade e a instituição escolar quanto de formação de professores de Matemática. Nesse sentido, o laboratório de Matemática serve de espaço de aprendizagem para além dos muros da universidade, oferecendo atividades para alunos do ensino básico e oportunidades para os licenciandos realizarem seus estágios obrigatórios de modo supervisionado dentro da própria universidade (Lopes; Araújo, 2007. p. 59).

Desse modo, podemos ainda destacar sua importância na constituição do professor:

12 Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino de Matemática. O Lepem está situado no Campus IV da UFPB, em Rio Tinto – PB.

Passei a formação inteira dentro do laboratório, elaborando material, indo para exposições, fazendo minicursos, atendendo os professores, e foi ali que eu percebi que era realmente o que eu queria. Acho que entrar na sala de aula fortaleceu a escola e estar no laboratório me constituiu enquanto professora, porque era mais do que só ser professora de matemática com cálculos, eu via maneiras para contribuir na formação e compreensão dos conceitos (Professora Jussara Patrícia).

Consequentemente, é dentro desse cenário que podemos fortalecer a troca de conhecimento entre professor-aluno e aluno-aluno, através de observações, levantamento de dados, formulação de hipóteses e meios para comprová-las, além da manipulação de materiais concretos. De acordo com Aguiar (1999, p. 17), “todos esses passos tornavam mais significativa a aprendizagem, possibilitando ao aluno uma maior capacidade de compreensão a fim de que ele próprio começasse a questionar e investigar o mundo”.

Uma das falas da professora Jussara corrobora com o pensamento de Aguiar (1999), na oportunidade ela disse

Quando eu cheguei no laboratório eu via que ali respondia não abstratamente, algebricamente, nem formalmente, com o rigor da matemática, mas que eu conseguia entender a formação do conceito a partir dos materiais, a partir da investigação e assim, poderia formalizar, porque ficava mais fácil para mim e como ficava mais fácil para mim, eu acho que fica mais fácil de passar para o outro (Professora Jussara Patrícia).

Além do laboratório, podemos citar os projetos desenvolvidos e executados pelas professoras. A professora Cibelle de Assis propôs um Projeto de Monitoria Integrada em Componentes Curriculares, já comentado anteriormente. A professora explica que

Esses projetos são um diferencial, pois o curso sozinho não dá conta de tudo que o licenciando precisa para a formação inicial básica, para ir para a sala de aula, mas os projetos que ele se envolve durante o curso vai enriquecendo a formação, além de ser um contato mais próximo com a sala de aula. São essas contribuições que a gente proporciona experiências fora do contexto da sala de aula, mas que com certeza são experiências que colaboram no desenvolvimento desse aluno como professor (Professora Cibelle Assis).

A monitoria consiste em promover meios para os alunos diminuírem suas dificuldades e, além disso, possibilita aos alunos-monitores o desenvolvimento de algumas práticas docentes, trabalho em equipe, comunicação e experiências direcionadas para a construção do ensino.

Seguindo uma vertente similar ao Projeto de Monitoria e Estágio supervisionado, temos no nosso Campus a Residência Pedagógica, no qual, em um dos seus ciclos foi coordenado pelas professoras Jussara Patrícia e Cristiane Souza.

A Residência Pedagógica tem como objetivo inserir os licenciandos dentro da instituição de educação básica abrindo caminhos para o desenvolvimento de práticas docentes durante a formação, com a supervisão de um professor formado licenciado na área como seu preceptor, dessa maneira, o residente participa de forma integral da rotina da escola. Portanto, segundo Silvestre e Valente (2014), esse período é uma oportunidade para aglutinar a relação teoria e prática com o contexto escolar.

Dessa forma, é perceptível a importância da formação inicial, uma vez que, ela consolida e estreita os laços entre teoria e prática, mas, vale ressaltar que ela precisa de complemento, de músculos, e nessa circunstância, entra a formação continuada que auxilia o professor recém-formado ajudando-o com a prática docente, na sua construção e abrindo janelas para professores que estão há muito tempo em sala de aula, mostrando outros meios, formas diferentes e diversificadas.

Já a professora Graciana assume duas vertentes da formação de professores: além da formação inicial executa projetos de extensão com a formação continuada. Embora a formação inicial seja muito importante para a constituição do profissional, ela por si só não é suficiente, uma vez que o docente precisa estar em constante atualização (Silva, Janaína. 2022).

[...] a formação inicial sozinha não dá conta de toda a tarefa de formar os professores: é preciso cada vez mais se promover uma formação permanente que não termine com a formação inicial, nos cursos de licenciatura, mas que vá além disto, que prossiga ao longo do desenvolvimento profissional do professor, como formação continuada em serviço (Modesto, 2022. p. 12).

Grandes desafios foram enfrentados por essas e por outras mulheres que com muita garra e perseverança conseguiram superar as barreiras e consolidar suas histórias. Desde a ação diária em sala de aula até os projetos, faz com o que cada professora interlocutora dessa pesquisa colabore de modo diversificado para a área de Educação Matemática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa teve como objetivo trazer mais visibilidade para a trajetória feminina, destacando a história de algumas mulheres, através de estudos bibliográficos e narrativas, englobando seus trabalhos, que são grandes contribuições, frutos de lutas, transformações e conquistas. Dentre essas contribuições, podemos citar na dimensão educacional a formação docente.

Este trabalho viabilizou conhecermos as trajetórias e memórias de quatro professoras que atuam na área da Educação Matemática. Ressaltamos suas contribuições no Campus IV, em eventos, projetos, programas, projetos de extensão e orientações, que somados a ação cotidiana em sala de aula, compõem um leque de sementes e bons frutos ao longo de suas respectivas histórias.

Destacamos aqui a importância dos programas de formação nos quais colaboram de maneira significativa na formação acadêmica e do Laboratório de Ensino de Matemática (LEM), tanto na formação docente quanto na educação básica, já que durante nossa pesquisa todas as interlocutoras apontaram experiências positivas com o uso do LEM, além de servir como meio de investigação para os estudantes da educação básica.

Inseridos nos aspectos de formação de professores, podemos trazer alguns desafios destacados pelas professoras que estão interligados a esta vertente. Dentre essas dificuldades está a desvalorização dos docentes, e as lacunas no conhecimento de muitos licenciandos que advém da educação básica.

Através das narrativas sobre as trajetórias das professoras, compreendemos que existe a necessidade de aprofundamentos as discussões sobre o tema. Desse modo, sugerimos que ocorram mais pesquisas, estudos e reflexões, em virtude da importância de ampliar para o âmbito acadêmico discussões sobre a história das mulheres na Matemática, buscando compreender quais são os efeitos causados pela carência de mulheres na área, para desconstruir possíveis ideias de que esse campo deve ser majoritariamente masculino e, assim, conseguir atrair, mulheres para esse meio com o intuito de equilibrar essa disparidade entre os gêneros no ramo acadêmico, além da importância do LEM, as dificuldades enfrentadas tanto na perspectiva de gênero quanto na docência e maternidade, e os aspectos atrelados à formação docente.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Marcia. **Uma idéia para o laboratório de matemática**. 1999. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001040410>. Acesso em: 27 out. 2025.

BUENO, Pamela Nunes; DUEK, Bueno Viviane Preichardt. Aprendendo a ser professora: trajetória de vida e de formação em educação física. **Revista Humanidades e Inovação**. v.8, n.54. Palmas, 2021. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/4542>. Acesso em: 27 out. 2025.

CAVALARI, Mariana Feiteiro. **A matemática é feminina?** Um estudo histórico da presença da mulher em institutos de pesquisa em matemática do estado de São Paulo. 2007. Dissertação (mestrado). Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2007. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/f3196402-ae2c-4d6e-b1ad-471cd2f3b291>. Acesso em: 27 out. 2025.

CLANDININ, D. Jean. CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa**: experiências e história na pesquisa qualitativa. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

IGNOTOFSKY, Rachel. **As cientistas**: 50 mulheres que mudaram o mundo. Tradução de Sonia Augusto. São Paulo: Blucher, 2017.

LOPES, Jairo de Araujo; ARAUJO, Elizabeth Adorno de. **O Laboratório de Ensino de Matemática**: implicações na Formação de Professores. Zetetiké, UNICAMP, v. 15, ed. 27, 2007. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/zetetike/article/view/8647016/13917>. Acesso em: 12 nov. 2022.

LOPES, Larissa Nóbrega. **Uma análise da presença feminina nos cursos de Matemática através das vivências de professoras do curso de Licenciatura em Matemática do Campus IV**. TCC (Graduação). UFPB, CCAE. Rio Tinto, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/27679>. Acesso em 24 out. 2025.

MELO, Brunilla Thais Queiroz de. **Barreiras (in)visíveis**: A segregação de gênero em cursos universitários da UFRN. Dissertação Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/items/984fa842-4a62-4551-9da8-28296b2f3b76>. Acesso em: 27 out. 2025.

MENEZES, Márcia Barbosa de. **A Matemática das mulheres**: as marcas de gênero na trajetória profissional das professoras fundadoras do Instituto de Matemática e Física da Universidade da Bahia (1941-1980). Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares Sobre Mulheres, Gênero e Feminismo. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/23>. Acesso em: 27 out. 2025.

MODESTO, Marco Antonio. **Formação continuada de professores de matemática**: compreendendo perspectivas, buscando caminhos. Dissertação (mestrado).

Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências de Bauru, 2002. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/f6da02ae-91d-9-45ad-a57e-15b6a1d44e53>. Acesso em: 27 out. 2025.

NUNES, Maria Sara Andrade. **A desigualdade de gênero na matemática**: aspectos históricos e atuais. TCC (Graduação/Licenciatura em Matemática) - UFPB/CCEN. João Pessoa, 2021.

RAGO, Luzia M. Epistemologia feminista, Gênero e História. In: PEDRO, Joana; GROSSI, Miriam. (orgs.). **Masculino, Feminino, Plural**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998. p.21-42.

SILVA, Elizabete Rodrigues da. A (in)visibilidade das mulheres no campo científico. **Travessias**, Cascavel, v. 2, n. 2, p. 1-20, 2008. ISSN: 1982-5935. Disponível em <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3026>. Acesso em: 24 out. 2025.

SILVA, Janaina Bezerra da. **Um estudo histórico sobre o papel das mulheres no campo da matemática**: obstáculos enfrentados e suas contribuições. TCC (Licenciatura em Matemática). UFRN/ CESS. Caicó, 2022.

SILVEIRA, Franci Claudio Meireles da. **A Educadora Rogéria Gaudencio do Rêgo e suas contribuições para a formação de professores no Estado da Paraíba**. TCC (Graduação). UFPB, CCAE. Rio Tinto, 2022.

SILVESTRE, Magali. Aparecida; VALENTE, Wagner. Rodrigues. **Professores em Residência Pedagógica**: estágio para ensinar Matemática. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

SCHIEBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?** Bauru: EDUSC, 2001.